Descontinuidades demográficas, onda jovem e mercado de trabalho: uma comparação entre Brasil e Argentina [*]

Alicia Bercovich[♣]
Gladys Massé[♦]

Palavras-chave: descontinuidades, onda jovem, estrutura etária, mercado de trabalho.

Resumo

Como efeito da influência das variações nos componentes da dinâmica demográfica – fecundidade, mortalidade, migrações – a pirâmide etária pode sofrer estreitamentos e alargamentos bruscos, produto do aumento ou diminuição do número de nascimentos. Chamamos descontinuidades a essas variações bruscas no tamanho de coortes sucessivas.

Neste trabalho apresenta-se a atualização e confirmação dos fenômenos das descontinuidades demográficas na Argentina e Brasil, analisando resultados dos Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000 do Brasil, e os dados dos Censos de População de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2001 da Argentina.

A partir da observação da forma das pirâmides etárias para o Brasil e Argentina podem-se observar as conseqüências das mudanças na mortalidade e fecundidade nos tamanhos das sucessivas coortes de idade. A primeira grande descontinuidade acontece a partir da segunda metade da década de 40 nos dois países. A partir da segunda metade da década de 60 pode-se observar uma diminuição no tamanho das coortes. Essa diminuição continua até a primeira metade da década de 70. A partir da segunda metade dessa década percebe-se novamente um aumento considerável do número de nascimentos nos dois casos. O incremento do tamanho das coortes diminuiu novamente a partir da segunda metade da década de 80.

Esta abordagem das transformações nas estruturas etárias suscitou a detecção do fenômeno das "ondas jovens", ou seja, o efeito das ondas de nascimentos no incremento do número de jovens. A questão era analisar o comportamento do mercado de trabalho com essa pressão do contingente jovem nos dois países.

Analisa-se a relação entre as ondas de jovens e o mercado de trabalho em ambos contextos. Calcula-se a participação na forca de trabalho e as mudanças ao longo do tempo. O objetivo foi medir a relação entre as alterações na composição por idade e sexo da população e as taxas de atividade econômica nos dois paises. As estimativas são comparadas para cada gênero.

O estudo desenvolvido alerta mais uma vez, para o fato de que tanto no Brasil como na Argentina, apesar das características e tempos diferentes, a queda da mortalidade aliada à queda da fecundidade desafia o setor público pelas alterações provocadas nas estruturas etárias respectivas, e suas conseqüências, como o crescimento brusco de algumas coortes, sua pressão sobre o mercado de trabalho e outras demandas para o setor público que surgem a médio e longo prazo.

---

[*] Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 18 a 20 de Setembro de 2004.

[♣] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Brasil.

[♦] Instituto Nacional de Estadística y Censos, Argentina.

Descontinuidades demográficas, onda jovem e mercado de trabalho: uma comparação entre Brasil e Argentina

Alicia Bercovich[♣]
Gladys Massé[♦]

Introdução[†]

Fazendo uma prospectiva das questões a serem tratadas pela demografia nos anos 90, Berquó (1991) enfatiza a importância de incorporar nas análises a noção de metabolismo demográfico (Ryder, 1964). Este processo de renovação ou substituição através de incrementos e decrementos pelo qual uma população se modifica ao longo do tempo, no seu tamanho e estrutura, tem sido tratado em diversos trabalhos no Brasil (Bercovich, A. e Madeira, F., 1990, entre outros). Como diz Berquó, "as mudanças nos níveis de fecundidade e mortalidade afetam o crescimento populacional e, portanto os tamanhos de diferentes coortes. Estas, por sua vez, podem influenciar direta ou indiretamente, no número futuro de nascimentos e óbitos, afetando, portanto, o crescimento populacional".

Neste trabalho apresenta-se a atualização dos dados e confirmação dos fenômenos das descontinuidades demográficas na Argentina e Brasil, analisando os resultados dos Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000 do Brasil, e os dados dos Censos de População de 1980, 1991 e 2001 da Argentina.

O texto consta de quatro partes: 1. estruturas etárias e descontinuidades demográficas, onde, a partir da observação da forma das pirâmides etárias para o Brasil e Argentina podem-se observar as conseqüências das mudanças na mortalidade e fecundidade nos tamanhos das sucessivas coortes de idade; 2. variações no tamanho das coortes, onde se pode detectar, no tempo, o movimento das ondas de nascimentos; 3. a caracterização das ondas jovens nos dois países; e 4. a relação entre as ondas de jovens e o mercado de trabalho em ambos contextos.

Estruturas etárias e descontinuidades demográficas na Argentina e Brasil

Analisaram-se as estruturas etárias das populações do Brasil e da Argentina desde o Censo de 1960. Tanto a pirâmide populacional argentina como a brasileira tinham apresentado em 1970 estreitamento na base, como conseqüência da queda da fecundidade aprofundada na segunda metade da década de 60.

Na verdade, na Argentina, os resultados do censo de 1914 ainda mostravam uma população jovem, apesar do início da queda da fecundidade que já estava se manifestando em algumas subpopulações. A partir dos Resultados do Quarto Censo Geral da Nação (1947) se observa uma estrutura por idade e sexo correspondente a uma população em transição. Os Censos argentinos de 1960 e 1970 (Gráficos 1 e 2) mostram um estreitamento na base das pirâmides da população, mais pronunciado em 1970 pela intensificação da queda da

[♣] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Brasil.

[♦] Instituto Nacional de Estadística y Censos, Argentina.

[†] As autoras agradecem a Jacqueline Manhaes e Cezar Camardella pela colaboração na organização de gráficos e tabelas.

fecundidade na segunda metade da década de 60. Já em 1970 a população Argentina pode ser considerada envelhecida (Massé, 2001).

Nos gráficos 7 a 12, as mudanças na estrutura por idade e sexo ficam evidentes ao se observar a seqüência de pirâmides ao longo do período 1980 a 2001; em 1980 as bases das pirâmides da Argentina e do Brasil se alargam, mostrando um aumento da natalidade; nos Censos de 1991 as bases das pirâmides voltam a estreitar-se refletindo a continuação do declínio da fecundidade e, finalmente, no Censo de 2000 no Brasil e no Censo 2001 na Argentina as bases das pirâmides surgem ainda mais estreitas.

O aumento do número de nascimentos observado pelo alargamento das bases das pirâmides de 1980 argentina e brasileira ocorreu em ambos os casos, devido ao aumento da natalidade, conseqüência da onda de nascimentos do pós-guerra: a grande coorte de mulheres nascidas a partir da segunda metade da década de 40 alcançou a idade reprodutiva gerando uma coorte larga de nascimentos.

A observação dessas variações na estrutura etária no Brasil levou à aplicação de um método onde, medindo-se o incremento entre as coortes sucessivas, era possível observar como essas descontinuidades ocorriam no tempo. De fato, o conceito de descontinuidades demográficas enfatiza os processos relativos a grupos etários específicos. Como efeito da influência das variações nos componentes da dinâmica demográfica – fecundidade, mortalidade, migrações – a pirâmide etária pode sofrer estreitamentos e alargamentos bruscos, produto do aumento ou diminuição do número de nascimentos. Chamamos descontinuidades justamente a essas variações bruscas no tamanho de coortes sucessivas. A mesma metodologia foi aplicada aos dados dos censos argentinos, levando a observações semelhantes às feitas no caso brasileiro.

ESTRUTURA ETÁRIA POR SEXO
ARGENTINA
1960-1980

GRÁFICO 1

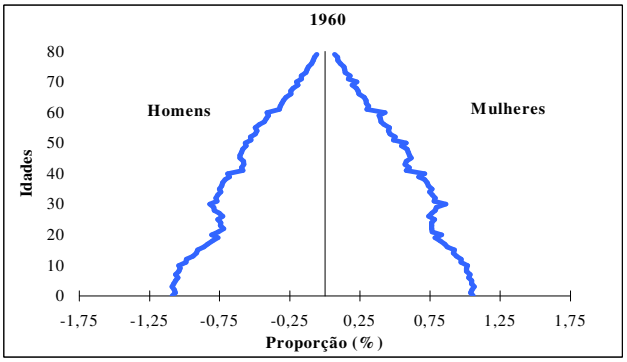


GRÁFICO 2

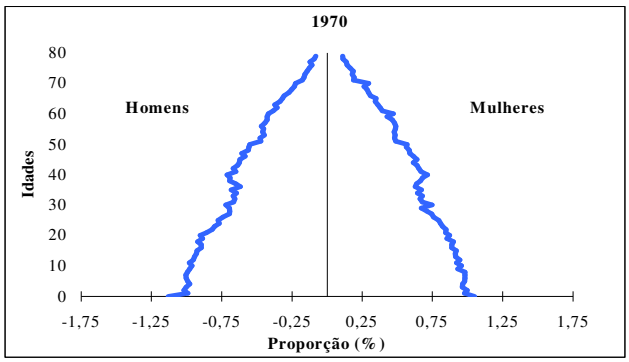
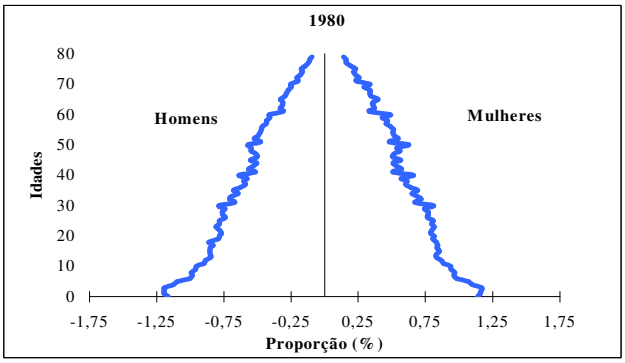


GRÁFICO 3



Fonte: INDEC. Censos de Población 1960, 1970 e 1980.

ESTRUTURA ETÁRIA POR SEXO
BRASIL
1960-1980

GRÁFICO 4

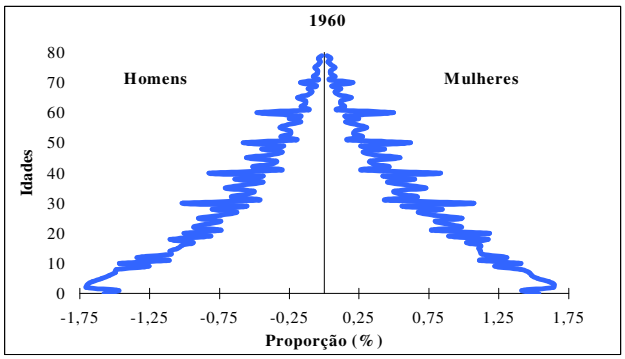


GRÁFICO 5

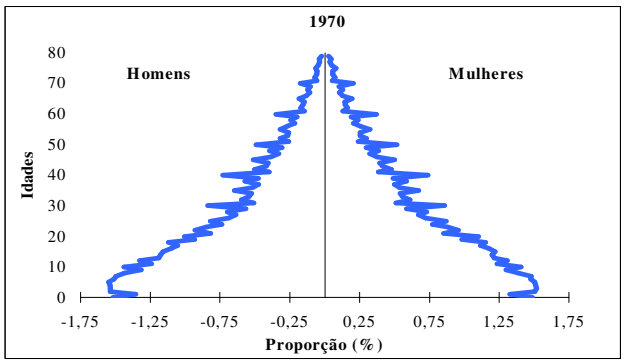
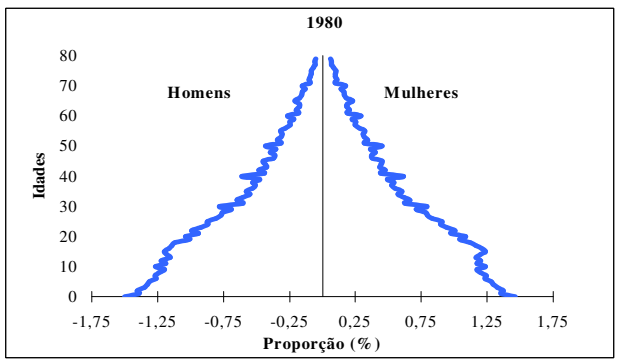


GRÁFICO 6



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1960,1970 e 1980.

ESTRUTURA ETÁRIA POR SEXO
ARGENTINA
1980-2001

GRÁFICO 7

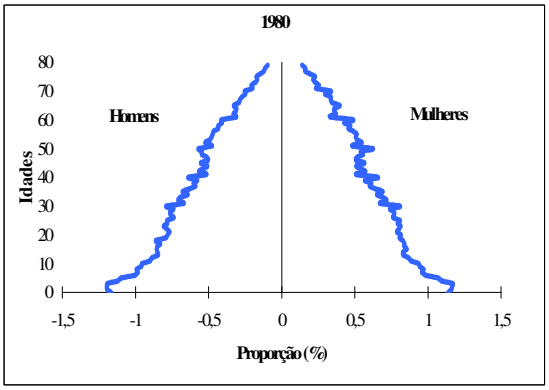


GRÁFICO 8

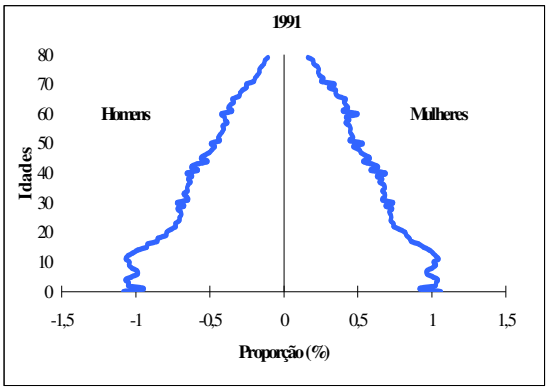
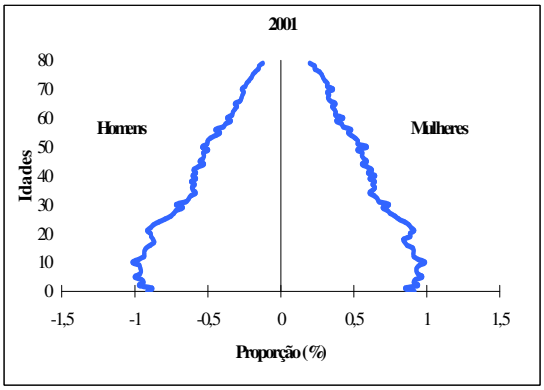


GRÁFICO 9



Fonte: INDEC. Censos de Población 1980, 1991 e 2001.

ESTRUTURA ETÁRIA POR SEXO
BRASIL
1980-2000

GRÁFICO 10

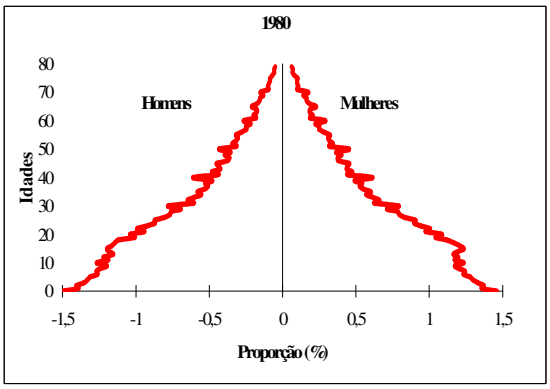


GRÁFICO 11

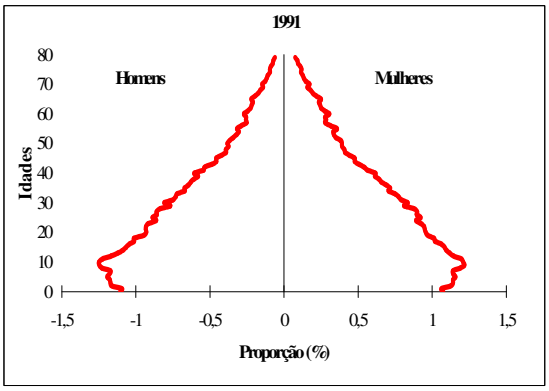
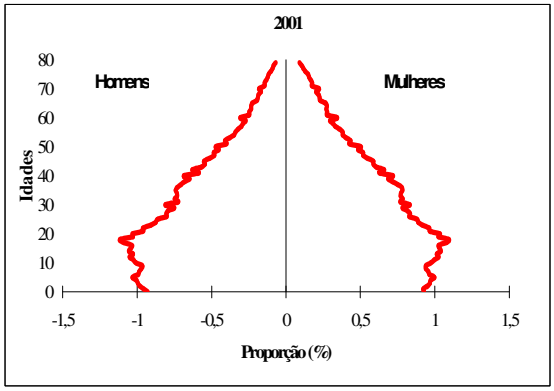


GRÁFICO 12



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1980, 1991 e 2000.

Variações no tamanho das coortes

Nos gráficos 13 e 14 são apresentados os incrementos de coortes de nascimentos desde a década dos 20 até os 2000 na Argentina e no Brasil. Trabalhou-se com períodos decenais a partir da observação das estruturas provenientes dos Censos de 1991 e 2001 na Argentina e dos Censos de 1991 e 2000 no Brasil. Para que as observações fossem coerentes com as realizadas anteriormente no Brasil, a partir de intervalos qüinqüenais – como era originalmente o método proposto por Keifitz (1988) – foi preciso remontar a população desde 1991 até 1990 utilizando as razões de sobrevivência correspondentes às tábuas de mortalidade calculadas pelo IBGE (1997). Na Argentina, o intervalo entre os dois Censos já é decenal.

Podem-se observar as variações no tamanho das coortes sucessivas: quando estas variações são maiores formam-se as chamadas descontinuidades. A primeira grande descontinuidade acontece a partir da segunda metade da década de 40 nos dois países. Como já foi mencionado no caso brasileiro, esse aumento deve-se ao expressivo declínio da mortalidade relacionado com a introdução dos antibióticos e a vacinação (Bercovich, A. e Vellôzo, H. 1985). No caso argentino, aparentemente o efeito dos antibióticos e a imunização (Celton, 1995) potencializou-se com as modificações dos padrões de nupcialidade, por adiantamento e recuperação de casamentos e nascimentos. Estes últimos fatores foram apontados por Torrado (2003). Nesse período, um grande número de mortes infantis foi evitado dando inicio ao que chamamos "uma onda de crescimento de população".

O período pós-guerra, como se sabe, coincidiu com um aumento da fecundidade nos países que dela participaram diretamente, uma vez que o chamado "baby-boom" significava, também, uma retomada de uniões adiadas e filhos postergados.

Embora o Brasil, como outros países, não tivesse participado tão ativamente na Segunda Guerra Mundial, houve um expressivo aumento da população que se prolongou até a década de 60 pelos motivos mencionados anteriormente.

Como Keyfitz (1987) menciona, a técnica utilizada fornece informação referente ao início da chamada explosão da população. Para o mundo na sua totalidade, este início foi especialmente brusco devido à coincidência do baby boom, nos países desenvolvidos, e da queda da mortalidade relacionada com a introdução de vacinas eficientes e dos antibióticos nos países menos desenvolvidos.

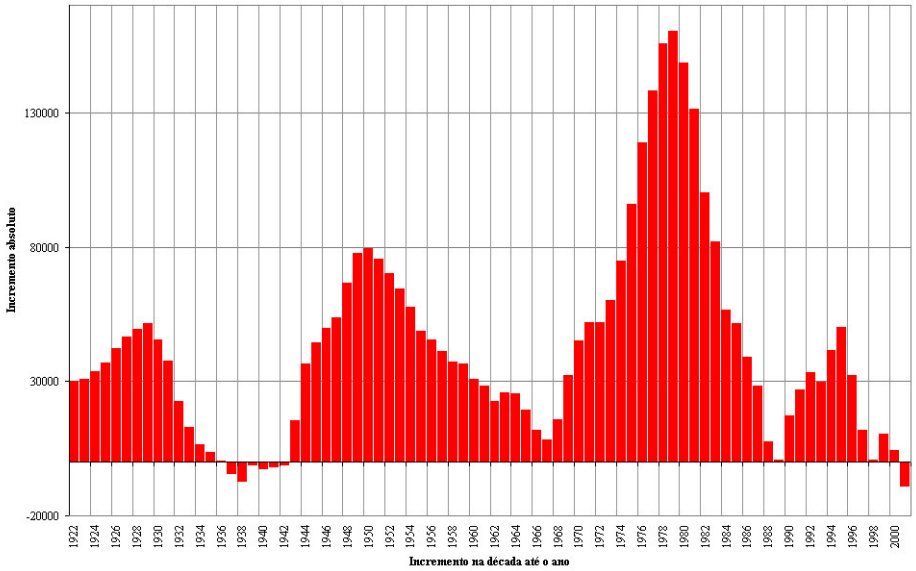
A partir da segunda metade da década de 60 pode-se observar uma diminuição no tamanho das coortes nos dois países. Esse período coincide com a introdução em Argentina e Brasil de anticoncepcionais mais eficazes como, por exemplo, a pílula anticoncepcional, que veio, sem dúvida, provocar uma diminuição no número de nascimentos, fenômeno que se reflete no tamanho menor das coortes nascidas no período.

Essa diminuição no incremento entre coortes continua até a primeira metade da década de 70. A partir da segunda metade dessa década percebe-se novamente um aumento considerável do número de nascimentos nos dois países. Este aumento ocorreu, não por causa de um aumento da fecundidade, mas sim pelo aumento da natalidade. Na verdade era o eco da grande onda de população descrita anteriormente. Com efeito, a numerosa coorte de mulheres, nascidas no período pós-guerra, alcançou a idade reprodutiva gerando uma grande coorte de bebês como apontaram Bercovich e Vellôzo (1985) e Torrado (2003).

O incremento do tamanho das coortes diminuiu bruscamente a partir da segunda metade da década de 80. É interessante destacar que o movimento detectado pela seqüência de vinte anos resulta num incremento negativo no tamanho das coortes no Brasil nos anos 90, conforme pode ser observado no gráfico 14. Não só diminui o incremento do número de crianças que foram nascendo sucessivamente, mas há uma diminuição absoluta no tamanho

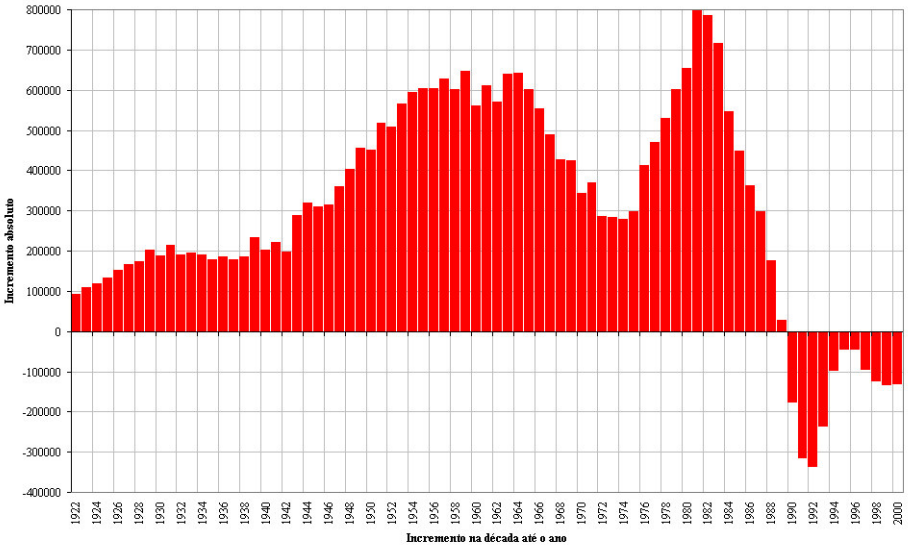
das coortes. Pode-se prever que esse fenômeno venha a ocorrer novamente, como eco, no futuro. Na Argentina, como a fecundidade vinha caindo desde a primeira metade do século (Massé, 2001) a diminuição é mais moderada, refletindo o efeito de uma fecundidade em declínio para uma coorte menos numerosa.

GRÁFICO 13
Variação no tamanho das coortes
Argentina 1922-2001



Fonte: INDEC. Censos de Población 1991 e 2001.
Nota: Dados Suavizados.

GRÁFICO 14
Variação no tamanho das coortes
Brasil 1922-2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991 e 2000.
Nota: Dados Suavizados.

A Onda Jovem

O que foi feito até o momento foi caracterizar o tamanho desigual de diferentes coortes ao longo do tempo. Uma derivação desse método é acompanhar um determinado grupo etário e ver como o aumento ou diminuição no número de nascimentos se reflete no tamanho das coortes de jovens.

Esta abordagem das transformações nas estruturas etárias suscitou a detecção do fenômeno das "ondas jovens", ou seja, o efeito das ondas de nascimentos na evolução do número de jovens (Bercovich, A. e Madeira, F., 1990).

Interessava, também, avaliar os efeitos da chegada destes contingentes de jovens no mercado de trabalho. O que aconteceria no mercado de trabalho com essa pressão do contingente jovem?

Nos gráficos 15 e 16, apresenta-se o incremento do número de jovens de 15 a 24 anos ao longo do tempo, usando uma técnica derivada da utilizada para analisar a evolução do número de nascimentos. Ou seja, caracterizar o crescimento desigual de diferentes grupos etários ao longo do tempo. Observa-se, já no final da década de 60 e início da década de 70, um aumento considerável no tamanho destes grupos no Brasil. A economia atravessava, nesse período, uma fase de expansão e de dinamismo, havendo, portanto maior possibilidade de absorção desse contingente de jovens no mercado de trabalho brasileiro.

Na Argentina, devido a diferenças no tempo e intensidade das quedas da fecundidade e mortalidade, o incremento maior do número de jovens se dá na década de 60.

GRÁFICO 15
Variação do número de jovens de 15 a 19 anos e 20 a 24 anos
Argentina - 1931/2016

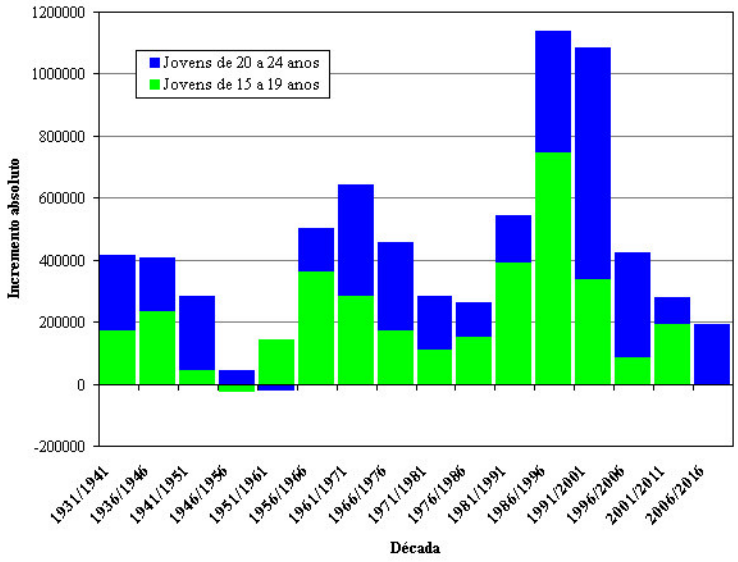
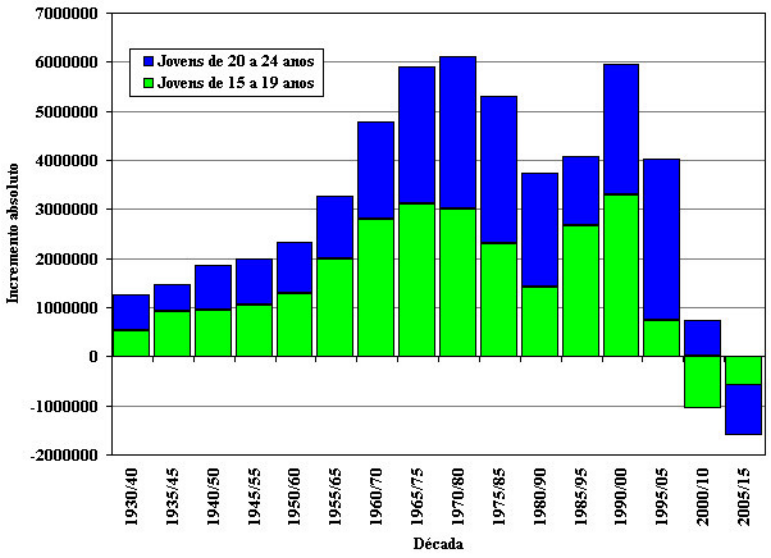


GRÁFICO 16
Variação do número de jovens de 15 a 19 anos e 20 a 24 anos
Brasil - 1930-2015



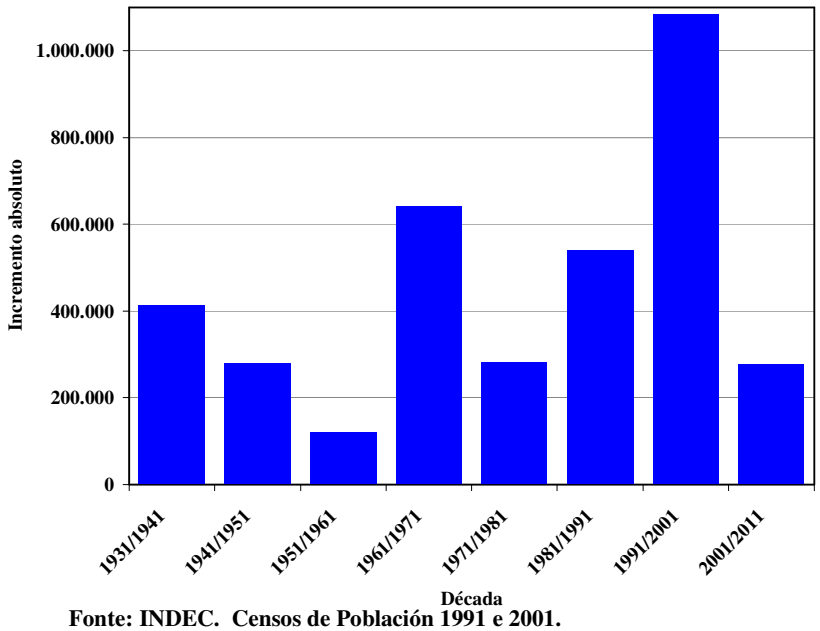
Observa-se que o volume da população jovem no Brasil aumenta durante os anos 70 em mais de 6 milhões de pessoas e sofre um refluxo a partir da década de 80. A onda volta a alargar-se na década de 90, conseqüência natural da onda de nascimentos observados nos gráficos anteriores. Com o envelhecimento da população, pode-se antecipar, que na década 2000 a 2010 o incremento da faixa etária de 15 a 19 anos será negativo, ou seja, a coorte de 15 a 19 anos terá aproximadamente 1 milhão de pessoas a menos. E no período seguinte, 2005 a 2015, os incrementos dos dois grupos etários considerados são negativos. Portanto,

do ponto de vista demográfico, as duas décadas do novo século verão reduzidas as pressões na entrada de jovens na força de trabalho no Brasil.

Na Argentina, país com população menor que a brasileira, aumentou em 600 000 o número de jovens nos anos 60, em mais de um milhão na década de noventa, e observa-se um refluxo nos 2000 com aumento inferior a 300 000 (Gráfico 17).

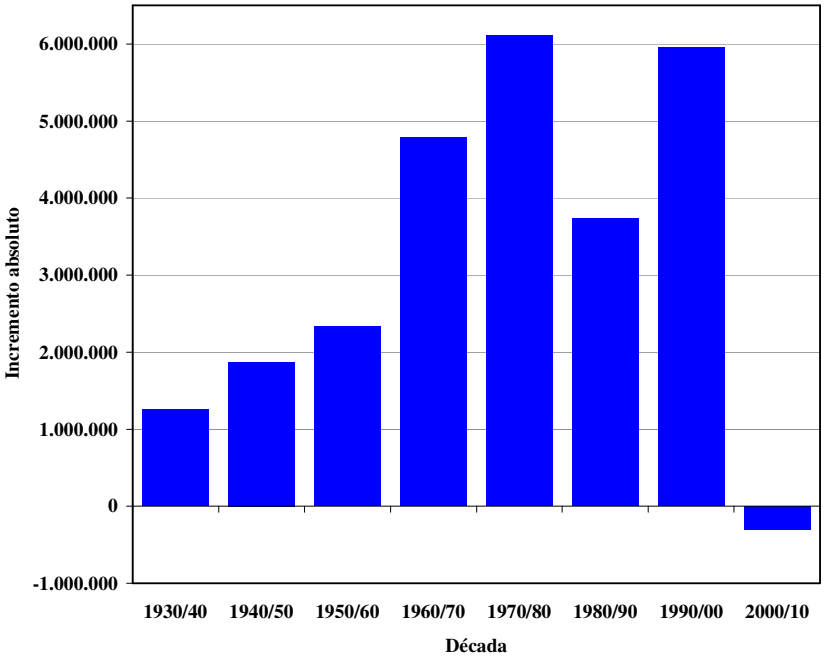
O gráfico 18 apresenta para Brasil nas décadas sucessivas, a evolução do grupo de jovens de 15 a 24 anos, onde se evidencia na década de 70, o incremento superior a 6 milhões de jovens e o refluxo, na década de 80, para 3,7 milhões, voltando a aumentar para em torno de 6 milhões na década de 90. Para o período 2000 a 2010, espera-se uma diminuição de aproximadamente 300 mil jovens com relação à década anterior.

GRÁFICO 17
Variação do número de jovens - 15 a 24 anos
Argentina - 1931/2011



Fonte: INDEC. Censos de Población 1991 e 2001.

GRÁFICO 18
Variação do número de jovens - 15 a 24 anos
Brasil - 1930-2010



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1991 e 2000.

A Onda Jovem e o Mercado de Trabalho

A relação entre o crescimento da população e o mercado de trabalho pode ser observada nos gráficos 19, 20, 21 e 22, que apresentam o incremento do número de pessoas segundo grupo de idade e o incremento do número de pessoas economicamente ativas (PEA). Os dados estão separados por sexo, pois a inserção no mercado de trabalho é diferenciada segundo sexo e idade.

Na década de noventa, o crescimento da população masculina economicamente ativa não acompanha o crescimento vegetativo da população em cada faixa etária, tanto no Brasil como na Argentina.

O quadro parece mais agudo para os jovens argentinos de 15 a 24 anos na década de noventa: o incremento da população economicamente ativa é negativo para os homens jovens de 15 a 19 anos, e é a metade do crescimento vegetativo da população masculina de 20 a 24 anos. Mas em geral observa-se uma diminuição na participação na atividade econômica nos grupos mais jovens (15 a 19 anos) , que coincide com a expansão da matricula escolar nos diversos setores da educação formal. Nota-se também uma incorporação da população feminina na atividade econômica que embora menos intensa que no Brasil, atinge em 2001, taxas semelhantes às brasileiras. Como fatores convergentes para explicar este fenômeno, a literatura cita a queda da fecundidade, a crise econômica, e o aumento dos níveis de desemprego aberto da população argentina masculina .

No Brasil, a onda de homens jovens de 15 a 24 anos também não é suficientemente acompanhada pelo incremento do número de pessoas economicamente ativas.

Se bem nos censos argentinos as definições de atividade em 1991 e 2001 são comparáveis, no caso brasileiro existiu diferença na definição da PEA em 1991 e no Censo 2000. Com efeito, a comparação da participação no mercado de trabalho no Brasil entre 1991 e 2000 está comprometida pela definição mais restrita da população economicamente ativa em 2000 (Dedecca e Rosandiski, 2003). Uma análise sobre a comparabilidade das definições de população economicamente ativa nos censos de 1991 e 2000 (Bercovich, 2004), mostra que a conclusão anterior continuaria válida se as definições fossem estritamente comparáveis.

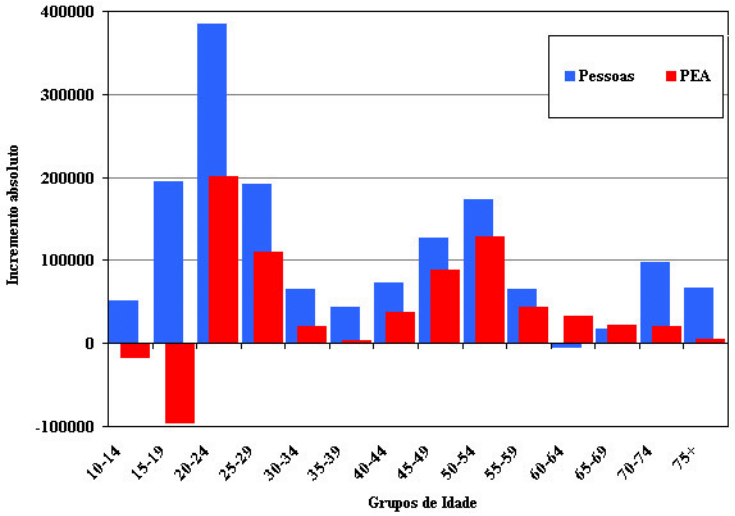
Mesmo simulando uma correção no contingente da população ativa, não se alteraria a conclusão: o crescimento do número de homens economicamente ativos de 15 a 24 anos não acompanhou a curva do crescimento vegetativo da população masculina nos anos 90.

Os gráficos 21 e 22, representam a situação das mulheres nos dois países. O percurso parece muito diferente ao dos homens.

Na Argentina, a partir dos 25 anos, as mulheres entraram na PEA em número superior ao próprio incremento vegetativo de cada coorte. O mesmo acontece no Brasil, para o grupo de mulheres de 20 a 44 anos. Este paradoxo é apenas aparente já que as taxas de participação feminina na força de trabalho eram historicamente inferiores e, portanto, havia espaço para o crescimento observado. Esta década marca, definitivamente, a intensificação da entrada da mulher no mercado de trabalho nos dois países. As tabelas 1 e 2 mostram a taxa de atividade na população feminina, em 1991, 2000 e 2001, respectivamente para Brasil e Argentina.

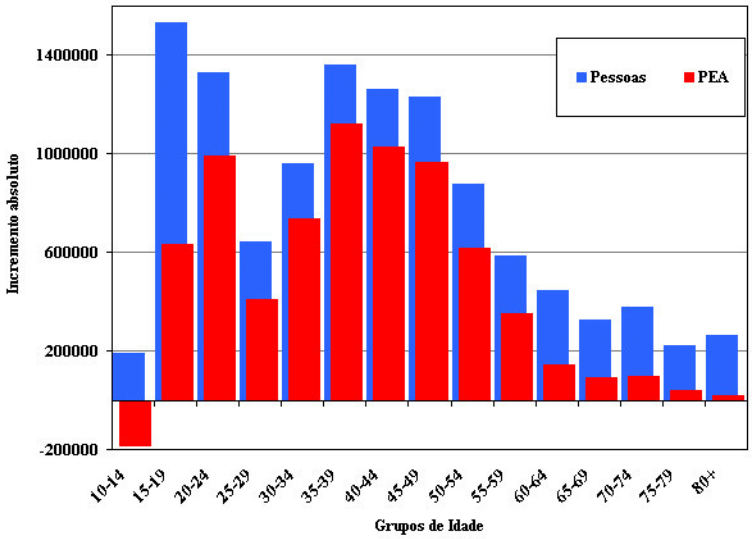
Ë interessante observar que na Argentina, a entrada no mercado de trabalho é mais tardia para ambos sexos: a maior permanência no sistema educacional explica esta característica, como foi apontado anteriormente. Por outra parte, a saída do mercado de trabalho é antecipada no Brasil com respeito à Argentina: as taxas de participação começam a cair a partir dos 45 anos no Brasil, e mais de uma década depois na Argentina (Tabelas 1 e 2 e gráficos 23 e 24).

GRÁFICO 19
Variação do número de pessoas e de pessoas economicamente ativas do sexo masculino segundo os grupos de idade
Argentina - 1991-2001



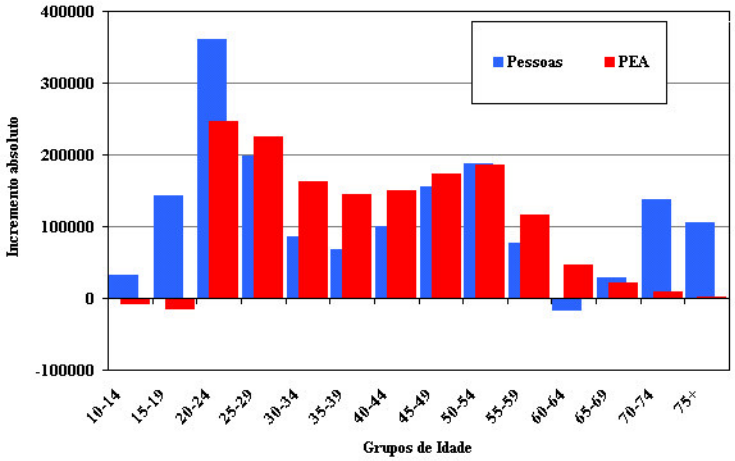
Fonte: INDEC. Censos de Población 1991 e 2001.

GRÁFICO 20
Variação do número de pessoas e de pessoas economicamente ativas do sexo masculino, segundo os grupos de idade
Brasil - 1991-2000



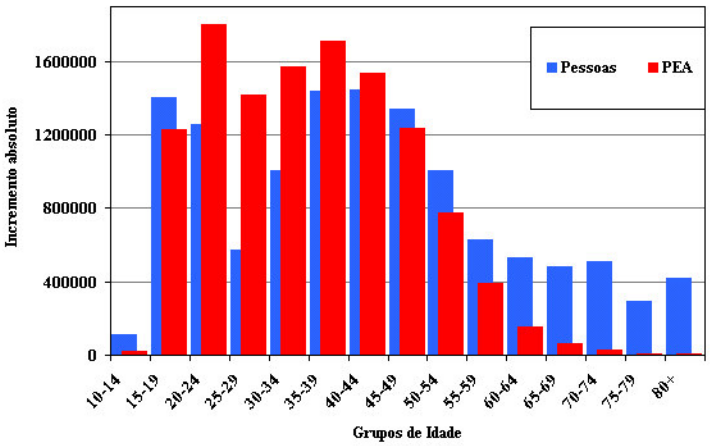
Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1991 e 2000.

GRÁFICO 21
Variação do número de pessoas e de pessoas economicamente ativas do sexo feminino, segundo os grupos de idade
Argentina - 1991-2001



Fonte: INDEC. Censos de Población 1991 e 2001.

GRÁFICO 22
Variação do número de pessoas e de pessoas economicamente ativas do sexo feminino, segundo os grupos de idade
Brasil - 1991-2000



Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1991 e 2000.

TABELA 1
Taxa de atividade na população - homens
Brasil e Argentina - 1991/2001

Grupos de Idade	Taxa de atividade na população - homens			
	Argentina		Brasil	
	1991	2001	1991	2000
Total	58,7	56,3	82,0	78,4
15 a 19	48,5	36,7	61,9	58,4
20 a 24	82,9	75,6	89,3	86,9
25 a 29	93,0	87,9	95,3	92,3
30 a 34	94,9	91,3	96,4	93,4
35 a 39	95,5	92,0	96,3	93,1
40 a 44	94,4	91,4	95,1	91,8
45 a 49	93,2	90,1	92,1	88,2
50 a 54	89,4	86,6	84,5	80,8
55 a 59	82,0	80,5	75,0	71,5
60 a 64	62,3	68,2	63,6	57,0
65 a 69	39,9	42,7	43,4	40,3
70 a 74	26,2	24,9	27,7	26,8
75 +	24,3	20,5	15,8	14,6

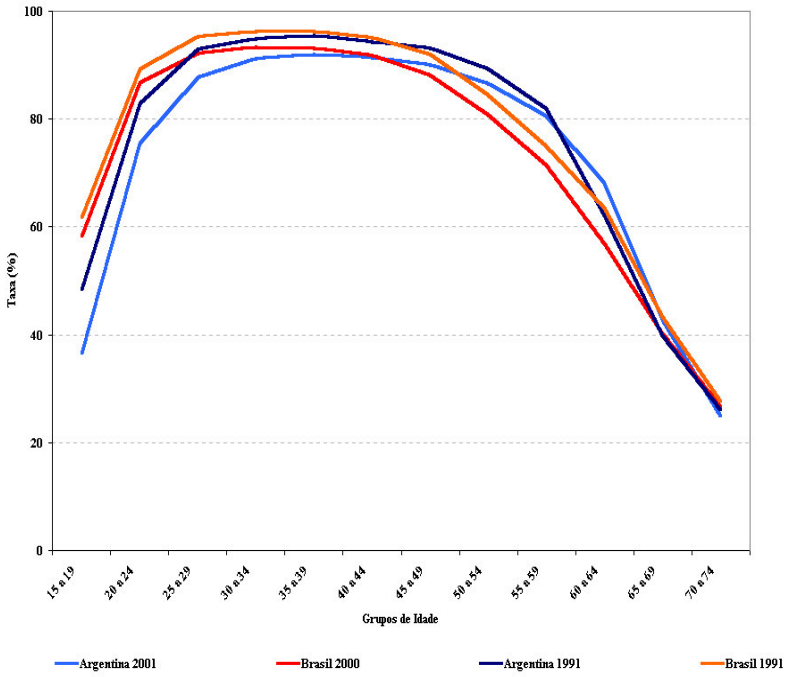
Fonte: INDEC, Censos de Población 1991 y 2001. IBGE, Censos Demográficos 1991 e 2000.

TABELA 2
Taxa de atividade na população - mulheres
Brasil e Argentina - 1991/2001

Grupos de Idade	Taxa de atividade na população - mulheres			
	Argentina		Brasil	
	1991	2001	1991	2000
Total	31,6	36,6	37,5	49,3
15 a 19	29,5	26,0	31,8	40,6
20 a 24	52,4	56,0	45,7	60,9
25 a 29	54,3	62,9	46,1	62,4
30 a 34	53,1	62,9	46,6	63,1
35 a 39	53,3	62,8	47,2	63,6
40 a 44	53,6	62,5	45,0	61,2
45 a 49	51,6	60,8	38,8	54,6
50 a 54	44,9	55,6	31,5	44,1
55 a 59	34,2	45,6	24,2	32,6
60 a 64	22,1	29,5	16,3	19,1
65 a 69	14,1	16,8	10,3	11,1
70 a 74	8,8	8,4	6,6	6,3
75 +	9,0	7,1	4,3	3,4

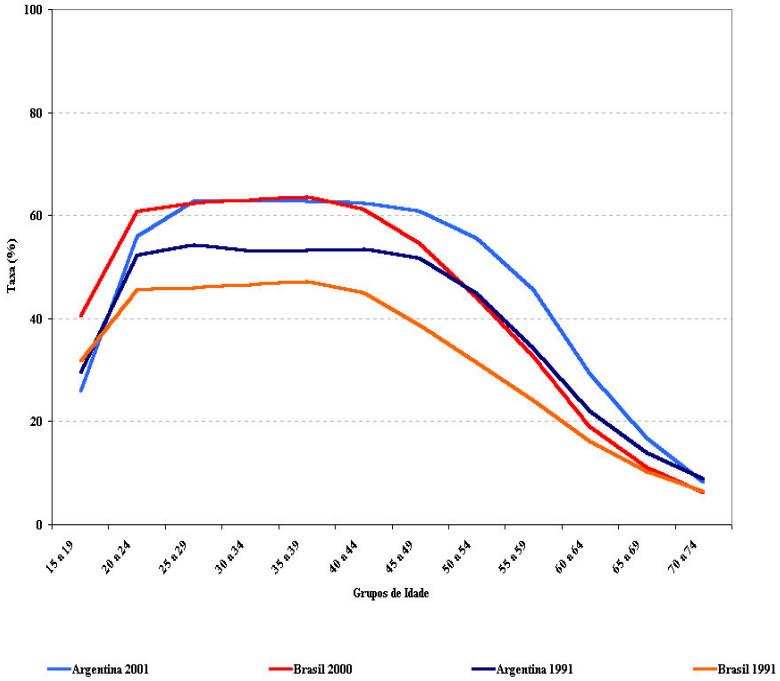
Fonte: INDEC, Censos de Población 1991 y 2001. IBGE, Censos Demográficos 1991 e 2000.

GRÁFICO 23
Taxa de atividade na população masculina, segundo os grupos de idade
Argentina e Brasil 1991/2001



Fonte: INDEC, Censos de Población 2001. IBGE, Censos Demográficos 2000.

GRÁFICO 24
Taxa de atividade na população feminina, segundo os grupos de idade
Argentina e Brasil 1991/2001



Fonte: INDEC, Censos de Población 2001. IBGE, Censos Demográficos 2000.

Considerações Finais

Como conclusão do estudo desenvolvido, alerta-se, mais uma vez, para o fato de que a queda da fecundidade no Brasil e Argentina aliada à queda da mortalidade desafia o setor público pelas alterações provocadas nas estruturas etárias respectivas, e suas conseqüências, como por exemplo, o crescimento das faixas etárias mais envelhecidas e as demandas que surgem a médio e longo prazo.

Como mencionado anteriormente, na medida em que uma coorte larga ascende na pirâmide cria novas necessidades, exigindo, assim, respostas diferenciadas do sistema social.

Os estudos populacionais e o impacto destes sobre as áreas de planejamento e sócio-política direcionam a atenção para o fenômeno das ondas de jovens. A análise deste fenômeno contribui, também, para o esclarecimento do comportamento da estrutura etária da população economicamente ativa nas últimas duas décadas e permite elaborar hipóteses sobre o comportamento futuro.

Pode-se antecipar que a forte pressão demográfica será exercida pelas faixas etárias de 25 a 34 anos, já que as coortes mais jovens estão diminuídas na década atual.

Os mesmos fatores que comprometiam a possibilidade de absorção da onda jovem no mercado de trabalho se encontram presentes com relação a este grupo etário dos adultos jovens de 25 a 34 anos: o baixo dinamismo da oferta de trabalho recente, o envelhecimento da estrutura etária dos ocupados e a forte pressão exercida pela entrada das mulheres de todas as idades no mercado de trabalho, como vimos anteriormente, representam uma concorrência adicional.

Bibliografia

BERCOVICH, A., VELLÔZO, H.C. 1985. Notas Sobre Aparentes Contradições na Estrutura por Idade e Sexo no Censo Demográfico de 1980. Revista Brasileira de Estatística, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Rio de Janeiro, RJ, v.46, n. 181/182, pp 53-121.

BERCOVICH, A.: 1988. Age-sex structure in Brazil, Trabalho apresentado na conferência Future Changes in Population Age Structure. IIASA, Sopron, Hungria.

_____. 2004. *Onda jovem, mercado de trabalho e violência: um enfoque demográfico*. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, Campinas.

BERCOVICH, A., MADEIRA, F. 1990. Descontinuidades Demográficas no Brasil e no Estado de São Paulo. In: Anais do VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambú, v. 2, p. 595-632.

_____. 1993. Demographic Discontinuities in Brazil. Trabalho apresentado na XXIInd General Population Conference, Session 21, Population in the XXIst Century: Demographic Prospects. Montreal.

BERQUÓ. 1991. Algumas questões para a demografia dos anos noventa. Revista Brasileira de Estudos de População, Vol. 8, No. 1-2, Jan./Dez. pp. 55-60. São Paulo, Brasil.

BRUSCHINI, C.: 1989. Tendências da força de trabalho feminina brasileira nos anos setenta e oitenta: algumas comparações regionais. São Paulo, Fundação Carlos Chagas.

CELTON, D. 1995. "La declinación de la mortalidad en la Argentina" (en AEPA. II Jornadas de Estudios de Población de la Argentina. Buenos Aires)

CEPAL-CELADE-BID. 1996. *Impacto de las tendencias demográficas sobre los sectores sociales en América Latina. Contribución al diseño de políticas y programas*. Santiago de Chile.

DEDDECA, C.S. e ROSANDISKI, E. 2003. Sensos e Dissensos: as inovações metodológicas do Censo Demográfico 2000. UNICAMP, Campinas.

DEUTSCHMAN, A. 1990. What 25-years-old want. Fortune, Aug. 27th, 1990.

HORIUCHI, S. 1988. Measurement of Cohort Size Variations. Trabalho apresentado na conferência Future Changes in Population and Age Structure. Sopron, Hungary.

_____. 1991. Measurement and analysis of cohort-size variations. Population Bulletin of the United Nations, No. 30, pp. 106-24. New York, New York.

_____. 1995. The cohort approach to population growth: a retrospective decomposition of growth rates for Sweden. Population Studies, Vol. 49, No. 1, Mar 1995, pp. 147-63. London, England.

HORIUCHI, S. e PRESTON, S.H. 1988. Age-Specific growth Rates: The legacy of Past Population. Dynamics Demography, v. 25, n.3.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2000. Questionário da Amostra do Censo 2000.

_____1997. DEPIS, Tábuas de Mortalidade, Brasil e Regiões. Versão Preliminar. Mimeo.

_____ 2002. DEPIS, Tábuas de Mortalidade Brasil. Página WEB do IBGE.

KEYFITZ, N. 1986. The twentieth century acceleration of population growth: dating the onset. In: POPNET, Population Network Newsletter, IIASA, Laxemburg, Austria.

_____. 1987. The demographic discontinuity of the 1940s. IIASA Working Paper, No. WP-87-92, Sep 1987. 27 pp. International Institute for Applied Systems Analysis [IIASA]: Laxenburg, Austria.

_____. 1988. The profile of inter-cohort increase. Mimeo. IIASA, Laxemburg, Austria.

_____. 1989. Decomposition and reassembly of the age-time distribution. NUPRI Research Paper Series, No. 49, Feb 1989. vi, 21 pp. Nihon University, Population Research Institute: Tokyo, Japan.

_____. 1990 The profile of inter-cohort increase. Mathematical Population Studies, Vol. 2, No. 2,. 105-17, 161 pp. New York, New York/London, England.

_____. 1994. Beyond stable theory: inter-cohort changes in USSR, U.S.A., and Europe. In: Demographic trends and patterns in the Soviet Union before 1991, edited by Wolfgang Lutz, Sergei Scherbov, and Andrei Volkov, pp. 461-75. Routledge: New York, New York/London, England; International Institute for Applied Systems Analysis [IIASA]: Laxenburg, Austria.

MADEIRA, F.R 1986. Los jóvenes en el Brasil: antiguos supuestos y nuevos derroteros. Revista de la CEPAL nº 29, p.57-81. Santiago do Chile.

MADEIRA, F.R., BERCOVICH, A.M. 1992. A 'onda jovem' e seu impacto na população economicamente ativa de São Paulo. Planejamento e Políticas Públicas. Brasília, Ipea, v.1, n.8, 1992, p.1-28.

MASSE, G. 2001.« La población« (en Academia Nacional de la Historia. *Nueva historia de la Nación Argentina.* Tomo VII. Cuarta parte: *La Argentina del siglo XX c. 1914-1983*. Buenos Aires, Planeta.

NANJO, Z. e KOBAYASHI, K: 1991. Measuring the demographic discontinuity. NUPRI Research Paper Series, No. 57, Mar 1991. vi, 25 pp. Nihon University, Population Research Institute: Tokyo, Japan.

RYDER, N. 1964. The cohort as a concept in the study of social change. American Sociological Review, New York, 6(6); dez.

SOMOZA, J. 1971. La mortalidad en Argentina entre 1869 y 1960. Buenos Aires.

TORRADO, S. 2003. *Historia de la familia en la Argentina moderna (1870-2000).* Buenos Aires, Ediciones de la Flor.

WRIGGINS, W.R. 1988. Youth Cohorts, Population Change, and Politics: Five Intervening Variables. Paper presented at the Conference of Future Changes in Population and Age Structure. Sopron, Hungary.